



A poesia roda-viva e o desvelar da biopolítica

Helder Félix Pereira de Souza* e Selvino José Assmann

Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Trindade, 88040-900, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: helderfps@hotmail.com

RESUMO. A ideia central do artigo é (re)estabelecer um diálogo entre a poesia e a filosofia (re)conectando-as com a condição existencial humana. Para isso, é importante dispor-se a escutar a poesia da música *Roda-viva* de Chico Buarque de Holanda para por meio dela, com base no pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben, desvelar o sentido em que a política atual se transformou em biopolítica. Ao mesmo tempo em que se retoma o pensamento de que a obra de arte, no caso a poesia, é capaz de dizer coisas sobre a nossa condição existencial que se encontra, ou talvez sempre se encontrou, envolvida em uma constante disputa entre o poder sobre a vida e o poder da vida.

Palavras-chave: arte, vida, política, Agamben, poder sobre a vida, poder da vida.

The 'roda-viva' poetry and the unveiling of biopolitics

ABSTRACT. The central idea of current article is to (re)establish a dialogue between poetry and philosophy, (re)connecting them with the existential human condition. It is important to listen to the poetry of the music *Roda-viva* by Chico Buarque de Holanda and, based on the thought of the Italian philosopher Giorgio Agamben, unveil the sense by which current politics has become biopolitics. At the same time, it reworks the thought that the work of art (in this case, the poetry) may emit opinion on our existential condition which is or perhaps has always been engaged in a constant dispute between the power over the life and power of life.

Keywords: art, life, politics, Agamben, power over life, power of life.

Introdução

Poeta é quem, na palavra, gera a vida (AGAMBEN, 2011a, p. 32).

A primeira parte desse artigo retoma a imagem que a poesia *Roda-viva* de Chico Buarque de Holanda suscita para compreendermos algumas semelhanças indicativas com as questões existenciais da vida humana. O intuito é destacar a importância de se escutar a poesia que em seu universo metafórico é capaz de desvelar algo fundamental não só da nossa época, mas também que atravessa todo o tempo histórico humano constituindo marcas da relação dos homens entre homens. Como, por exemplo, o tormentoso conflito do homem de saber-se mortal e sua impotência diante de seu próprio e iminente fim.

Com base em alguns problemas abertos por Michel Foucault e retomados originalmente pelo pensador italiano Giorgio Agamben, a segunda e a terceira parte do artigo mostram o que a poesia *Roda-viva* pode desvelar sobre a nossa época quando iluminada pelas noções conceituais daqueles autores. Por exemplo, pode evidenciar o entendimento de que a política tornou-se biopolítica, mas também

mostrar a existência de um infundável conflito entre a vida e a morte que atravessa todo o nosso período histórico e está presente nas relações dos homens entre homens, sob o constante risco de aniquilação de tal vínculo pelo simples girar maquinal da *Roda-viva* da vida.

Por fim, conclui-se retomando a parte final da poesia *Roda-viva* alertando para os riscos que podem ocorrer com a captura biopolítica do poder sobre a vida. No entanto, destaca-se uma possível atitude de resistência por meio do exemplo do poeta Chico Buarque: a vontade afirmativa de poetar do próprio poeta, ou seja, a biopotência, o poder da vida irredutível à captura incessante da *Roda-viva*.

Escutar a poesia

Tem dias que a gente se sente
como quem partiu ou morreu.
A gente estancou de repente,
ou foi o mundo então que cresceu.
A gente quer ter voz ativa,
no nosso destino mandar.
Mas eis que chega a roda viva
e carrega o destino prá lá....
Roda mundo, roda gigante

Roda moinho, roda pião
 O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração...
 A gente vai contra a corrente
 Até não poder resistir
 Na volta do barco é que sente
 O quanto deixou de cumprir
 Faz tempo que a gente cultiva
 A mais linda roseira que há
 Mas eis que chega a roda viva
 E carrega a roseira prá lá...
 (REFRÃO)
 A roda da saia mulata
 Não quer mais rodar não senhor
 Não posso fazer serenata
 A roda de samba acabou...
 A gente toma a iniciativa
 Viola na rua a cantar
 Mas eis que chega a roda viva
 E carrega a viola prá lá...
 (REFRÃO)
 (BUARQUE, 1968, faixa 6).

Em meados de 1967, Chico Buarque de Holanda¹ compôs uma música e uma peça teatral intitulada *Roda-Viva*, que na época consistiu em uma severa crítica à ditadura militar. Não obstante, depois da primeira exibição pública (estreou no Rio de Janeiro em início de 1968, dirigida por Zé Celso²) e durante uma temporada em São Paulo, um grupo do C.C.C. (Comando de Caça aos Comunistas) invadiu o Teatro Galpão destruindo equipamentos e espancando os atores. Logo em seguida a peça foi censurada pelo governo que no mesmo ano instituiu o terrível AI-5³.

Deixando um pouco de lado as consequências nefastas desse período, que já se tornou senso comum aos brasileiros, o que importa neste momento reflexivo que se inicia é a perspectiva que a poesia *Roda-viva* disposta na epígrafe pode ampliar.

Mas porque iniciar o presente artigo remetendo a uma canção de um ilustre poeta? Essa questão é simples, por dois motivos.

Primeiramente por uma questão didática. Oferecer uma imagem poética metafórica para ilustrar um tema é um recurso viável para iniciar uma discussão e preparar os argumentos, sendo assim é de grande valor utilizar os melhores instrumentos para tornar mais evidente o problema em destaque.

Desde tempos remotos, os pensadores utilizaram tal recurso para refinar seu estilo e apresentar a verdade aos seus locutores, mas também a si mesmos. Lembremos o grande sofista Protágoras, que em seu diálogo com Sócrates, para demonstrar a sua tese de que a virtude pode ser ensinada, prefere “Com toda a sua astúcia e como professor de eloquência que é, escolher o método mais agradável aos seus ouvintes [...]” (PLATÃO, 1999, 320c-328c). Tal método consiste em mostrar uma imagem, ou seja, narrar uma história ricamente metafórica, o *mythos*, para depois recorrer ao *lógos*, demonstrando sua tese por meio de argumentos. Mas também Platão utilizou um método parecido que, dizendo por meio de Sócrates, lançou a alegoria da caverna para ‘clarear’ sinteticamente boa parte de sua filosofia na obra *A República* (PLATÃO, 2010).

É com esse intuito, de menor complexidade do que a proposta daqueles pensadores, que se pretende utilizar a imagem metafórica da poesia de Chico Buarque para melhor desenvolver a exposição e a defesa da ideia deste artigo.

No entanto, há outro sentido mais fundamental que não somente o de caráter retórico instrumental na utilização de imagens metafóricas para explicar um tema, tal como faziam Protágoras e Platão por meio das narrativas míticas. No caso da poesia, a metáfora não é somente uma figura de retórica “[...] porém uma imagem substitutiva, que paira à sua frente em lugar realmente de um conceito [...]” e nesse sentido as cenas e as imagens revelariam “[...] uma sabedoria mais profunda do que aquela que o próprio poeta pode apreender em palavras e conceitos” (NIETZSCHE, 2008, p. 56, p. 101).

Nesse viés, a metáfora assume o sentido de uma imagem que, por semelhança profunda com algo, revela e esclarece as próprias coisas de uma forma mais primária do que os conceitos. Em Nietzsche (2009, p. 89, grifos do autor), “‘Metáfora’ significa tratar como ‘igual’ algo que, num dado ponto, foi reconhecido como ‘semelhante’” e que no homem atua para designar e expressar suas relações com as coisas. Assim, a primeira metáfora seria a transposição de um estímulo nervoso em imagem; a segunda metáfora seria a mesma imagem remodelada em um som e tal som em uma palavra; chegando, nessa sucessão representativa, ao conceito.

Pensando com Nietzsche (2010), a metáfora poética da palavra cantada é capaz de suscitar imagens mais originárias estimuladas pela escuta, consequentemente, ela possibilita veicular conceitos que estimulam a nossa imaginação e nos coloca em uma relação mais próxima com a coisa mesma.

Portanto, em segundo lugar e seguindo a indicação de Nietzsche, o mais importante é a

¹ Chico Buarque de Holanda nasceu em 1944 no Rio de Janeiro; é poeta, músico, dramaturgo e escritor brasileiro.

² José Celso Martinez Correa nasceu em 1937, em Araraquara, estado de São Paulo; líder do Teatro Oficina; é diretor, ator, dramaturgo e encenador brasileiro.

³ Ato Institucional número 5 (AI-5) – foi o quinto decreto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro nos anos seguintes ao golpe militar de 1964. O AI-5 foi emitido em 1968 e conferia poderes extraordinários ao presidente da república além de suspender diversos direitos constitucionais, o que fortaleceu a linha dura militar chegando até mesmo a fechar o congresso nacional (BRASIL, 1968).

compreensão das coisas que se desvelam quando entramos em contato com uma obra de arte. Parte-se de uma disposição aparentemente simples: escutar a obra de arte. Se soubermos escutar o poema compreenderemos o que ele tem a nos dizer em imagens sobre a nossa época, mas também que extrapola o tempo e permanece ‘atemporal’, como se fosse próprio à condição existencial humana.

É nesse sentido que o pensamento de Heidegger em sua obra *A origem da obra de arte* (2010), reverberando em certa medida com algumas ideias de Nietzsche (2010, p. 199), nos revela a importância da obra de arte como aquilo que “[...] deixa a verdade eclodir”. Tal característica fundamental da arte se encontra somente na obra de arte, o que torna a poesia uma expressão que permite a expansão da claridade iluminante da ‘verdade’.

Isso permite o desvelo criativo da história, pois quem sabe escutar e se dispõe diante da obra de arte, no momento desse encontro, perde a noção de sujeito e objeto. Ambos se encontram em doação, comungando de algo que posto em obra da ‘verdade’ revela o acontecimento e desvela o ser.

Assim, a obra de arte, que no caso é a música-poesia *Roda-viva* do poeta Chico Buarque, revela o aberto do ente permitindo nesta clareira aberta desvelar o que está velado. Isso indica e sugere algo capaz de nos conectar ou reconectar diretamente com a questão central da biopolítica destacada pelo pensador contemporâneo Giorgio Agamben e que atravessa toda sua série de obras sob a denominação *Homo Sacer*⁴. Mas permite também extrapolar as leituras que se tornaram historicamente comuns, abrindo uma dimensão mais fundamental da condição humana: o incessante conflito entre a vida e a morte e o tormentoso saber-se mortal do homem.

Desse modo, a poesia permite que a ‘verdade’ vigore como desvelamento enquanto ela está em obra, mostrando não apenas algo de verdadeiro, mas deixando acontecer o desvelamento como tal em referência ao ente no todo.

Dessa forma, o ser que se vela é iluminado. A luz, assim configurada, dispõe seu aparecer brilhando na obra. O aparecer brilhante, disposto na obra, é o belo. A ‘beleza é um modo como a verdade vigora enquanto desvelamento’ (HEIDEGGER, 2010, p. 141, grifos do autor).

Portanto, a *Roda-viva* enquanto poesia ou obra de arte pode desvelar coisas para além daquilo que

estamos habituados. Justamente por estarmos tão colados ao cotidiano e acostumados ao que imediatamente nos salta à vista e aceitamos como normal, somos incapazes de perceber os sinais ou indícios das entrelinhas do mais óbvio acontecimento. A obra de arte é capaz de deslocar o habitual do propriamente habitual pela sua peculiar inabitualidade, causando um estranhamento que faz abrir uma fissura entre as duas instâncias.

Se soubermos escutá-la, apreenderemos a sua ‘verdade’ desvelada enquanto vigora no brilho de sua beleza disposta na abertura da clareira. Esse desvelar do velado disposto em tal abertura permite que se revele algo sobre o ser de uma época, mas também fora dessa época, e que não poderia ser descoberto unicamente pela ciência ou pela filosofia sozinhas, mas que em conjunto com a obra de arte torna possível o desvelamento pelo estranhamento que ela é capaz de causar.

O que a poesia pode dizer

Influenciado pelos escritos de Nietzsche, seguindo as trilhas do caminho aberto pelo segundo Heidegger (2009)⁵ e com os devidos cuidados suscitados por Walter Benjamin (1986), Giorgio Agamben, em suas obras iniciais, enfatiza a importância das obras de arte e volta sua atenção sobre a dimensão e o tempo originário ou mais original que a arte desvela:

Assim, quando nos encontramos frente a uma obra de arte ou a uma paisagem imersa na luz da sua presença, observamos no tempo uma parada como se fôssemos inesperadamente atirados em um tempo mais original. Há uma parada, quebra no fluxo incessante dos instantes que do porvir se perde no passado, e essa quebra e essa parada são precisamente o que dá e revela o estatuto particular, o modo da presença próprio da obra de arte ou da paisagem que temos diante dos olhos. Nós somos como que detidos, parados diante de algo, mas esse ser detido é também um ser-fora, um *ek-stasis* em uma dimensão mais original (AGAMBEN, 2012a, p. 162).

Se pensarmos com Agamben, a obra de arte (uma obra musical, poética, visual etc.) aponta para uma abertura temporal na qual o próprio tempo cronológico se encontra suspenso em uma atemporalidade. É como se o passado e o futuro que marcam a passagem do tempo se aglutinassem no instante do presente ao ponto de a existência, mesmo repleta de marcas do ‘que já foi’ do passado e

⁴ Giorgio Agamben (1942-), filósofo italiano em atividade, desenvolveu uma série de obras, em que discute o poder, a política, a religião, a economia e o direito, reunidas sob o título geral de *Homo Sacer*, que se iniciou em 1995 com *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I* (2010a) e, segundo o autor, é abandonada com o lançamento no final de 2014 de *L'uso dei corpi* (2014). Alguns de seus principais conceitos são esclarecidos nas próximas seções.

⁵ Após sua grande obra *Ser e Tempo* (2009) próximo a 1930, Heidegger passou por uma virada profunda em seus pensamentos enfatizando o ser poético, o que alguns autores indicam como uma segunda fase do autor. Um de seus textos que mais importam neste artigo é a *Origem da Obra de Arte* (2010), em que o pensador alemão se debruça sobre o problema originário do acontecimento da obra de arte.

‘o que será’ do futuro, permanecesse sempre atual⁶, ou seja, vigorante. Quando nos dispomos diante da obra de arte e mesmo que imersos em um tempo suspenso (passado e futuro), outra dimensão temporal mais original nos é revelada permitindo vislumbrar o que dificilmente vislumbraríamos sem o encontro que o acontecimento da obra de arte proporciona⁷.

Em outras palavras, a obra de arte é capaz de nos mostrar ou desvelar uma dimensão na história, mas também fora da história, sempre vigorante: trata-se, grosso modo, de uma dimensão da condição humana que caminha com a humanidade desde seus primórdios. Diferentemente da contingência histórica, sempre variante, o que a obra de arte desvela é a singularidade do incessante vir-a-ser como marca da nossa própria ou autêntica existência:

Abrindo para o homem a sua autêntica dimensão temporal, a obra de arte lhe abre também, de fato, o espaço do seu pertencimento ao mundo, no qual ele pode ganhar a medida original da sua própria demora sobre a terra e encontrar a própria verdade presente no fluxo irrefreável do tempo linear. [...] na obra de arte, se despedaça o *continuum* do tempo linear e o homem reencontra, entre passado e futuro, o próprio espaço presente. Assim, o olhar uma obra de arte significa: ser lançado para fora, em um tempo mais original, êxtase na abertura epocal do ritmo, que doa e mantém (AGAMBEN, 2012a, p. 164-165, grifo do autor).

De modo semelhante e conferindo a devida importância para a obra de arte como instância originária ou mais original de investigação dos problemas humanos, Hannah Arendt, cujo pensamento e obras sobre política são fundamentais para Agamben, baliza sua peculiar ‘ontologia do presente’⁸ sob a orientação arquetípica que a arte é capaz de desvelar. Ao lançar sobre suas inquietações políticas a urgência de “[...] pensar o que estamos

fazendo [...]” (ARENDT, 2011a, p. 6) e refletindo sobre o tempo presente disposto entre o “[...] não-mais do passado [...]” e o “[...] ainda-não do futuro [...]” (ARENDT, 2010, p. 225), a politóloga alemã busca na literatura kafkiana a imagem-modelo para pensar o presente, derivando disso a imagem fundamental da condição humana: o saber-se situado em uma tormentosa e angustiante condição que sofre a pressão do passado atrás de si e o futuro logo à frente, com o infindável desejo de libertar-se dessa tensão deslocando-se para fora (ARENDT, 2011b).

A obra de arte kafkiana permite Arendt pensar a condição humana e seus problemas existenciais, inclusive a política, de forma mais originária. Por meio dela é possível descobrir que o homem encontra-se disposto em um sempre presente capaz de lembrar e planejar, mas também de esquecer e abandonar, na medida em que é capaz de saber-se lançado em uma finita existência que curiosamente almeja o infinito.

Agamben, que trilha passos análogos ao de Hannah Arendt e também se inspira na literatura de Kafka, busca reatar a cisão “[...] entre poesia e filosofia, entre palavra poética e palavra pensante [...]” (AGAMBEN, 2012b, p. 12) que a tradição cultural desde Platão fomenta uma infeliz inimizade. Portanto, aceitamos neste artigo a urgente tarefa que Agamben propõe de (re)encontrar em nossa cultura “[...] a unidade da própria palavra despedaçada” (AGAMBEN, 2012b, p. 13).

Para isso, quem está disposto a ouvir e sabe escutar, a poesia *Roda-viva* pode indicar uma importante chave de leitura do nosso tempo, mas que se coloca também fora do tempo (suspensão), em que o ser da política tenha se revelado biopolítica⁹; e que a violência tenha tomado o lugar do poder e o que era exceção desde a modernidade prepondera como regra (AGAMBEN, 2011c). É nessa medida que o pensamento poético-político-filosófico de Agamben, reverberado na poesia musical de Chico Buarque, possibilita reatar o que estava separado, unindo o acontecimento particular de um tempo histórico datado ao tempo sempre presente da condição existencial humana. Dessa forma, é possível desvelar alguns indícios da nossa existência que a filosofia ou somente a poesia dificilmente poderiam dizer; mas juntas, potencializam-se e os sinais de uma época aparecem com maior nitidez, pois o ser do homem se mostra aberto e encontra-se desvelado.

⁶ O sentido de ‘atual’ aqui utilizado é inspirado na noção agambeniana de uma potência que não se esgota no ato (2015). Em outras palavras, a obra de arte mantém aberta suas inúmeras possibilidades e impossibilidades de desvelar o ser, mesmo a obra estando realizada. É por tal motivo que o diálogo com uma obra de arte clássica, por exemplo, parece ser inesgotável e sempre atual.

⁷ Para clarear melhor a noção de tempo suspenso e dimensão temporal mais original que se abre através da obra de arte, basta lembrarmos de obras de arte como as tragédias gregas antigas, Édipo Rei ou Antígona (SÓFOCLES, 2011), que até hoje, mesmo após aproximadamente 2400 anos, permanecem atuais. Parece que há uma dimensão temporal que nasce dentro das noções de passado e futuro, mas vigora dentro e fora de tais noções temporais. Intrigantemente tal dimensão se enraíza no instante presente e espantosamente permanece sempre atual.

⁸ Entendemos por ‘ontologia do presente’ uma investigação arqueológica capaz de acessar o presente (AGAMBEN, 2010c) e dizer sobre o que estamos fazendo, ou seja, tal como Agamben nos indica com o conceito de “contemporâneo” que ousa olhar “aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetando a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquire a capacidade de responder às trevas do agora” (AGAMBEN, 2010b, p. 72). É importante dizer também que tal expressão é inspirada em Foucault, sobretudo a partir de um texto em que o próprio Foucault dialoga com o texto ‘o que é esclarecimento’ de Kant (TERRA, 1997). Mas, em sentido semelhante e com certas ressalvas, podemos dizer que Arendt ao refletir sobre o que estamos fazendo também busca realizar uma ontologia do presente.

⁹ Biopolítica: neste artigo a biopolítica será tomada genericamente no sentido derivado de Foucault (2010), como uma tecnologia do poder encarregada de governar a vida como corpo biológico populacional, mas retomada por Agamben de forma ampliada (2010a) remetendo à inserção preponderante da vida nua na política, cuja maior preocupação é gerenciar não somente vidas, mas sobrevidas, ou vidas nuas. Nesse caso, a gerência da vida nua implica também na sua exposição aos riscos de morte.

Mas também, o ser-obra da obra *Roda-viva*, enquanto disposto no aberto da obra, se desvela e é capaz de indicar o conflito, a relação de poder, o confronto, a resistência, violência e o risco do domínio. Na canção narrada pela poesia, o movimento ininterrupto da própria *Roda-viva* na vida faz aparecer momentos em que a vida e a arte cada vez mais são deixadas de lado, capturadas pela técnica instrumental e normalizadora, que aniquila toda a possibilidade extraordinária da forma-de-vida. Essa leitura indica uma possível constatação de uma época, mas vai além e sinaliza a abertura desvelada pelo canto e encanto do girar instrumental da *Roda-viva* na vida alertada por meio do dizer ativo do poeta.

Poder sobre a vida e poder da vida. Uma luta incessante apresentada na poesia musicada e que somente cessa com a iminência da morte e do aniquilamento total da vida: um forte indício do vir-a-ser da vida nua¹⁰. Nesse caso, é a exceção tornada regra e a normalização total do ser, ou seja, a sua total desertificação. Pensando com Arendt, tal acontecimento constitui a primazia ou a permanência absoluta do tempo cíclico natural sobre o tempo histórico humano e a monótona repetição do eterno retorno do mesmo, indicando um grave perigo “[...] de que o homem possa estar disposto e realmente esteja a ponto de converter-se naquela espécie animal da qual, desde Darwin, ele imagina descender” (ARENDT, 2011a, p. 403).

De outro lado, ao mesmo tempo em que a vida nua é desvelada velando-se a vida em um jogo simultâneo de velar e desvelar, se desvela também o vir-a-ser originário da vida. Isso funciona como um tipo de resistência da vida frente à mesmice violenta, ou a mera repetição do mesmo, em que a resistência é também um reexistir capaz de restaurar o fôlego do oásis em que o poeta do poeta habita e inaugura outro tempo aberto pelo aqui agora da poesia.

Restitui-se assim o novo por meio do novo começo: o nascimento que gera a possibilidade da forma-de-vida e desafia a morte.

A *Roda-viva* e a biopolítica

Se pensarmos a poesia *Roda-viva* sob uma interpretação mais próxima do ente, ou seja, ôntica e não tão somente ontológica¹¹, ela remeteria ao

contexto dos ‘anos de chumbo’ e à máquina do Estado ‘calando vozes ativas e carregando o destino pra lá’ como manifestação do poder policial repressivo. Nesse sentido ôntico, a leitura aponta para uma crítica à repressão e à censura que ocorria naquela época sombria da história brasileira.

Com o fim da ditadura é possível pensar também no fim da *Roda-viva*. Porém, cabe aqui outra interpretação ou chave de leitura capaz de desencobrir a camada ôntica e desvelar uma ontológica: aquela *Roda-viva* tão criticada por Chico Buarque surge num contexto para deixar de existir em outro. Ou será que ela nunca deixou de existir e desde que há vida e política a *Roda-viva* continua girando em sua plenitude? Ela não estaria vigorando até mesmo em nossa sociedade democrática atual, mas de uma forma mais velada, encoberta, pois a *Roda-viva* inscreveu-se e inseriu-se em nossos corpos, atuando despercebidamente entre nós?

Pensando a partir de Michel Foucault (2010) e aceitando as hipóteses filosóficas de Giorgio Agamben (2010a), é possível esboçar uma resposta afirmativa para a questão anterior: a *Roda-viva* que na poesia assumiu a metáfora ôntica de ditadura militar, ontologicamente manifesta-se como poder sobre a vida, ou seja, o biopoder que captura a vida como dispositivo biopolítico e que desde a existência da política entre os homens é originariamente biopolítica. Novos termos para orientar novas épocas, cujas práticas são evidentemente semelhantes.

A biopolítica, nesse sentido agambeniano, é o caráter originário da política que a poesia *Roda-viva* do poeta Chico Buarque desvela em sua obra de arte. Desse modo é preciso ser metodologicamente contemporâneo como Agamben (2010b) tão bem explicitou em sua obra *O que é contemporâneo? e outros ensaios*, orientando-nos para olharmos o nosso tempo com olhar distante.

Este olhar distante que é lançado agora ao resgatar a poesia da *Roda-viva* e que desvela a questão próxima do poder sobre a vida e do poder da vida é uma tentativa de leitura ontológica do presente. Ou seja, uma leitura que atravessa nossa época sob perspectivas de tempos não tão longínquos, mas próximos, para que esse olhar capte

[...] aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetando a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquira a capacidade de responder às trevas do agora (AGAMBEN, 2010b, p. 72).

Por isso é contemporâneo o olhar biopolítico sobre os acontecimentos do agora, sobre os discursos

¹⁰ Vida nua: conceito de Giorgio Agamben, consagrado sobretudo a partir da obra *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I* (2010a), publicada em 1995. Aqui, sem entrar em maiores detalhes, a expressão será entendida genericamente como um mero fato de vida, desqualificada, reduzida ao seu mínimo biológico, como se fosse apenas vegetativa, uma sobrevida. Para Agamben, a política é biopolítica desde a sua origem, pois a decisão soberana sobre a vida na política ocorre desde a tradição greco-romana até a modernidade. Período este que, na experiência política ou biopolítica do século XX, sobretudo no totalitarismo, transformou radicalmente a vida humana em uma única forma de vida reduzida ao seu mínimo biológico.

¹¹ Entende-se aqui por ontológica como a instância mais próxima, ou essencial do ser do ente, e ôntica como o âmbito sobre o qual o ente se revela mais

abstrato, genérico, ‘superficial’, esquecendo ou encobrindo o ser do ente, ainda que constituinte do ser (HEIDEGGER, 2009).

e as práticas políticas, no direito, mas também em nossa sociedade, nos indivíduos e nas instituições.

O olhar distante, ao mesmo tempo em que está próximo sobre o que se dispõe colado a nós, permite obter sérias e assustadoras conclusões do nosso tempo presente.

A *Roda-viva* de Chico Buarque desvela a biopolítica destacada por Michel Foucault (2010) que com Agamben (2010a) é ampliada constituindo-se como um paradigma originário da política. Diferentemente de Foucault que estabelece o século XVIII como o nascimento da biopolítica, em Agamben ela opera maquinalmente desde a antiguidade greco-romana como uma tecnologia do poder capaz de inserir a vida na política por meio de sua exclusão. No entanto, o que aproxima ambos os autores é a constatação de que na modernidade a forma biológica de vida passa a preponderar sobre outras formas de vida (política, artística, filosófica etc.) e a administração ou gerência da vida biológica torna-se a tarefa central da política.

Tais constatações não deixam de ser um reflexo da sociedade moderna, pragmática e utilitária, a qual Hannah Arendt caracteriza como a época em que o trabalho, a mera produção/consumo, se sobressai em grau de importância à ação política (RUIZ, 2012). Cujas racionalização e otimização máxima das coisas instrumentalizam até mesmo os homens ao ponto de torná-los supérfluos, descartáveis (ARENDT, 1978).

Não podemos deixar de citar também a influência do liberalismo do séc. XIX que atualmente converteu-se em um neoliberalismo moldado e constituído pela providência do ‘divino mercado’, onde tudo ou quase tudo passa a ter um valor mercadológico, como já havia alertado Dufour (2009) e em sentido mais grave o próprio Agamben (2012d) ao constatar que hoje Deus “[...] se tornou Dinheiro”.

Do mesmo modo que o mercado tende a se pautar por uma racionalidade eficiente por meio das instituições privadas que visam a otimização dos seus resultados e máximos lucros, as instituições públicas também passam a se orientar. O Estado, em seu exercício de poder para gerenciar o corpo individual e populacional da sociedade, opera inserindo a vida (individual e populacional) em seus cálculos racionais-objetivos, tratando-a como um *standart* ou buscando o seu máximo de normalização excluindo tudo aquilo que não se adequa a esta suposta normalidade.

Retomando a música de Chico Buarque, a voz do artista reverbera como um grito desesperado contra a captura da própria forma-de-vida nas engrenagens dessa máquina governamental e

antropológica (AGAMBEN, 2011b e d) que ‘estanca de repente’ e retira sua ‘voz ativa’, cesura seu corpo, sua arte, “[...] produzindo apenas uma vida separada e excluída de si mesma – tão somente uma vida nua.” (AGAMBEN, 2011d, p. 58). A poesia ressoa como a luta do poeta contra o estanque, a exclusão/inclusiva, que o faz sentir-se ‘morto-vivo’; representando também a crítica a um dispositivo, no sentido ampliado por Agamben (2010b), que captura a vida múltipla e complexa e a converte em mera vida, ou seja, em vida nua, a sobrevida do *homo sacer*¹².

Roda-viva, portanto, além de poesia e quando aberta em prosa (AGAMBEN, 2012c), torna-se conceito tal como biopolítica. Mas é também, ao mesmo tempo, metáfora de um tipo peculiar dessa tecnologia e que em sua ambiguidade significativa carrega a assinatura (AGAMBEN, 2010c) do tempo e da captura da vida. Assim, a poesia *Roda-viva* é também pensamento não só de conceitos, mas originariamente de imagens; que reúne em uma crítica a um objeto um foco novo e permite mostrar outros ângulos do seu atuar.

Tal mecanismo, por ser vivo, rodopia gerenciando a imensidão de corpos inseridos na política e regulado pelos discursos do Direito. Em seu girar maquinal de dispositivo da exceção, a *Roda-viva* captura a forma-de-vida convertendo-a em mero corpo biológico, inscrito e sacramento protegido pelos Direitos Humanos. Ao mesmo tempo em que, com um ato simplificador e contraditório da gestão biopolítica, pode destruí-lo nessa gigantesca engrenagem circular, expondo essa forma de vida à violência e aos riscos de morte.

A biopolítica, portanto, funciona de forma ambígua no exercício de poder: pode ‘fazer viver’ ao proteger a vida como corpo biológico e inserindo-a na política por meio do Direito, mas pode também ‘deixar morrer’, expondo a perigos. Ainda mais em nossa atual sociedade de risco, como já havia alertado Michel Foucault em seu curso *Em Defesa da Sociedade* (2005), na medida em que os cálculos estatísticos podem medir e esquadrihar os riscos e perigos presumíveis na sociedade programando um mínimo ou máximo de aceitabilidade de vida ou de morte individual ou populacional.

O modelo político ou biopolítico de funcionamento do mundo ocidental é a constante captura dos corpos pela *Roda-viva*. Hoje, ela aparece na forma do poder soberano e pode manifestar-se capilarmente por meio do juiz, do legislador, do

¹² *Homo sacer*: figura derivada do antigo direito romano e resgatada por Agamben (2010a), em que a vida humana é incluída no ordenamento jurídico unicamente sob a forma de sua exclusão, ou seja, como vida insuscetível que pode ser matável sem que por isso se incorra em crime.

administrador, do perito etc., que decidem e atribuem valores sobre a vida e a morte das pessoas, inclusive às suas partes (AGAMBEN, 2010a). Seja funcionando através do Estado, como máquina governamental de gerência e administração do corpo populacional; seja através das instituições (tanto públicas quanto privadas), que condicionam ou agenciam os 'sujeitos'; é perceptível e clara a presença dispositiva e normalizadora desse tipo de controle biopolítico ao menos no ocidente.

Assim, fica evidente o alerta da poesia em que 'aquela mais linda roseira' destacada na música reflete o cultivo de nossas vidas como forma-de-vida em toda a sua potencialidade que, de repente, é arrancada e simplesmente 'carregada pra lá' no girar incessante e maquinal desse mecanismo do poder. A *Roda-viva*, nesse sentido, é um dispositivo biopolítico que arrasta a forma-de-vida em sua incessante roda, desqualificando-a ao mesmo tempo em que a captura em seu dispositivo e lhe confere um valor de mera vida: a vida nua do *homo sacer*.

A metáfora da *Roda-viva* permite uma possível explicação e um alerta para esse movimento bipolar de exclusão e inclusão da forma-de-vida que existe no seio vazio (vazio) da máquina governamental, que em seu funcionamento faz com que o estado de exceção cada vez mais se transforme em regra (AGAMBEN, 2011b e c). Por meio dos discursos formais, a vida se encontra sacralizada no dever ser dos Direitos Humanos, ao mesmo tempo em que os seres vivos são reduzidos a *homo sacer*, cuja vida insacrável pode ser ao mesmo tempo, a qualquer momento, matável e muitas vezes indenizável, adquirindo um valor em dinheiro (SOUZA, 2013)¹³.

Perpetua-se a lógica da *Roda-viva* que carrega no refrão a ideia da repetitividade, indicando com a imagem da 'roda-mundo, roda-gigante, rodamoinho, roda-peão' que o ciclo biológico da vida venceu. Esse movimento repetitivo captura integralmente toda a multiplicidade do ser humano, reduzindo-o a uma única forma de vida possível, mais vazia ou "[...] pobre de mundo [...]" (HEIDEGGER, 2006, p. 216): sem arte, sem política, sem direito, sem história, ou seja, é a forma nua de vida despida da espontaneidade e incapaz de iniciar novas formas.

Se o modelo que vige no movimento incessante da *Roda-viva* converteu-se em vida nua, não há mais espaço para o poeta, pois 'o tempo rodou num instante nas voltas do meu coração' e mesmo depois de muito resistir ele não consegue mais se

movimentar poeticamente. A volta final instantânea da roda fora dada, consumindo até mesmo a dimensão capaz de engendrar outras formas de vida.

No entanto, pensar a *Roda-viva* de Chico Buarque é reativar a poesia do poeta que tornando "[...] inoperosa a língua [...] contempla sua potência de dizer e abre-se, dessa maneira, para um novo, possível uso" (AGAMBEN, 2011b, p. 274). Se o girar da roda representa uma metáfora para o aniquilamento, quem movimenta a contrarroda ao cantar ou dizer a roda é o poeta, cuja forma-de-vida em nada se assemelha a vida nua e que pode também representar a capacidade de resistência e do reexistir da vida.

Semelhantes ao oásis, que resiste em meio às tempestades do deserto que sempre ameaçam desertificar, a arte, o pensar, o amor e a amizade são importantes ilhas para que não haja uma total desertificação do mundo humano, comprometendo a possibilidade do extraordinário e do espontâneo no homem.

Essa metáfora de Hannah Arendt ilustra a condição humana no conflito entre conceitos contraditórios. O deserto que "[...] é equivalente a dominação total, por um lado, e a guerra de extermínio, por outro lado, mas também responde por fenômenos totalitários nas democracias de massa" e o oásis, "[...] o mundo no qual podemos mover-nos em liberdade" (ARENDT, 2011c, p. 182). Deserto e oásis, *Roda-viva* e vida, referem-se a realidades que estão sempre em luta; uma relação de tensão constante e que enfrentá-la é a premissa básica da nossa condição existencial humana.

Todo cuidado é necessário para que uma forte tempestade de areia, como a da *Roda-viva* suscita, não capture integralmente a forma de vida do poeta. Pois, desertificar a arte, a política entre homens, sobrepor o poder sobre a vida do movimento totalitário ao poder da vida ou da forma-de-vida no oásis, resulta na in consequência do estado de exceção tornado regra e a constante presença ativa da máquina governamental e antropológica que não torna o homem mais ou menos pobre-de-mundo, mas sem-mundo.

Considerações finais

[...]
O samba, a viola, a roseira
Que um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeira levou...
No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega a saudade prá lá...
(BUARQUE, 1968, faixa 6).

¹³ A problemática da indenização e da presença deste dispositivo biopolítico no Judiciário já foi sugerida e discutida em nosso artigo *Biopolítica e Judiciário: a vida insacrável, porém matável, pode ser indenizável* (SOUZA, 2013), mas que ainda continua aberta para maiores desvelamentos sobre o tema.

Finalizamos o presente artigo com a última estrofe da música-poesia de Chico Buarque retirada da introdução e aqui disposta em epígrafe. A *Roda-viva*, ao que tudo indica, nunca parou de girar e continua produzindo a sua tempestade desertificadora que amplia os riscos do domínio total sobre o homem e a sua consequente conversão em vida supérflua.

Seguindo os passos de Agamben, o paradigma biopolítico sempre girou, mas nos dias de hoje parece girar em sentido contrário querendo desnudar toda forma-de-vida que captura. Esse é um dos maiores riscos que atravessamos em nossa época: desertificar o mundo encobrindo totalmente os oásis com areia.

Podemos afirmar que, da época de Chico Buarque marcada pela ditadura militar e a nossa atual com a abertura democrática, sob a perspectiva dos dispositivos biopolíticos, há uma possível indeterminação entre a vida nua e a política. Com o prognóstico pessimista de Agamben, tal relação se aprofunda ainda mais: na biopolítica atual o modelo é do estado de exceção como regra, que inclui a vida nua ao mesmo tempo em que a exclui do ordenamento jurídico; que a protege ao mesmo tempo em que pode eliminá-la ou expô-la a riscos. Paradoxo cada vez mais presente e generalizado.

Assim, a *Roda-viva* que captura a forma-de-vida e a converte em vida nua no seu ato incessante de girar no vazio, aos poucos vai mostrando o ato violento de seu rodopio maquinal. Pois ‘carregou o destino’, ‘carregou a roseira’, ‘carregou a roda de samba’, ‘carregou a viola’ e ao lançar na ‘fogueira’ todas essas riquezas multiformes da forma-de-vida, consome em sua desenfreada e incessante roda até mesmo a ‘saúde’, carregando e uniformizando integralmente a forma-de-vida ‘pra lá’.

Como se não bastasse somente carregar e capturar os corpos e as ações, ela captura também a singularidade, queimando-a na ‘fogueira’, desintegrando-a e aniquilando-a em seu repetitivo e uniformizante girar no vazio. Manifestando com isso uma sugestiva inclinação ou um prelúdio que o poeta Chico Buarque alerta para o totalitarismo que pode sempre vigorar¹⁴.

No entanto, é possível vislumbrar um enfrentamento ou profanação (AGAMBEN, 2007) desse modelo reducionista por meio da resistência poética. E isso acontece através do poetar criativo-afirmativo que Chico Buarque incita na música ao reagir artisticamente contra a violência da *Roda-viva*. Mesmo que no fim tenha lhe restado somente a

lembrança (saudades), o poetar do artista mantém a salvo na poesia, ou seja, na obra de arte, aquela potência que também é impotência e que não se esgota no ato.

Contra o poder sobre a vida da biopolítica atual, há o poder da vida ou da forma-de-vida que é característica da arte, como indica Roberto Esposito (2010) em sua releitura de uma política não mais sobre a vida, mas da vida. Assim, a biopolítica pode (re)significar não só uma extensão do biopoder, ou seja, do poder sobre a vida; deixando de indicar um sentido negativo de uma ordem disciplinar, de domínio e controle, possibilitando a migração para um sentido positivo: o poder da vida como potência da vida, intensificadora, resistiva, inovadora da forma-de-vida.

Nesse viés, a poesia se realiza como potência de dizer instigando a política e a filosofia a realizar a potência do agir na medida em que podem tornar “[...] inoperosas as operações econômicas e biológicas, elas mostram o que pode o corpo humano, abrindo-o para um novo, possível uso” (AGAMBEN, 2011b, p. 274).

Referências

- AGAMBEN, G. **Profanações**. Tradução Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- AGAMBEN, G. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2010a.
- AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2010b.
- AGAMBEN, G. **Signatura rerum**: sobre el método. Tradução Flavia Costa e Mercedes Ruvitoso. Barcelona: Anagrama, 2010c.
- AGAMBEN, G. Desapropriada maneira. In: BERNARDINI, A. F. (Org. e Trad.). **A coisa perdida**: Agamben comenta Caproni. Florianópolis: UFSC, 2011a, p. 25-40.
- AGAMBEN, G. **O reino e a glória**. Tradução Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2011b.
- AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. Tradução Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2011c.
- AGAMBEN, G. **O aberto**. Tradução de André Dias e Ana Bigotte Vieira. Lisboa: Edições 70, 2011d.
- AGAMBEN, G. **O homem sem conteúdo**. Tradução, notas e posfácio Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012a.
- AGAMBEN, G. **Estâncias**. A palavra e o fantasma na cultura ocidental. Tradução Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, 2012b.
- AGAMBEN, G. **Ideia da prosa**. Tradução, prefácio e notas João Barrento. Belo Horizonte: UFMG, 2012c.
- AGAMBEN, G. **Deus não morreu**. Ele tornou-se dinheiro. Entrevista com Giorgio Agamben. Tradução

¹⁴ A leitura ôntica da história pode sempre ser enriquecida com a leitura ontológica que a obra de arte possibilita permitindo que apreendamos os sinais vigorantes do presente.

- Selvino J. Assmann. S. Leopoldo: Instituto Humanitas, Unisinos, 2012d. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>>. Acesso em: 23 jun. 2013.
- AGAMBEN, G. **L'uso dei corpi**. Homo Sacer IV, 2. Vicenza: Neri Pozza, 2014.
- AGAMBEN, G. **A potência do pensamento. Ensaio e conferências**. Tradução de Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- ARENDT, H. **O sistema totalitário**. Tradução Roberto Raposo. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- ARENDT, H. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Tradução Cesar Augusto R. de Almeida, Antônio Abranches e Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011a.
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011b.
- ARENDT, H. **O que é política**. Tradução Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011c.
- BENJAMIN, W. **Documentos de cultura**. Documentos de barbárie. Escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BRASIL. Ato institucional n. 5, de 13 de dezembro de 1968. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 dez. 1968. Disponível em URL: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm> Acesso em: 6 jul. 2015.
- BUARQUE, C. H. **Roda-viva**. Chico Buarque e Mpb4. Chico Buarque de Holanda III, Faixa 6 - Roda-viva, RGE, 1968. Disco.
- DUFOUR, D.-R. **O divino mercado**. A Revolução Cultural Liberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.
- ESPOSITO, R. **Bios**. Biopolítica e Filosofia. Tradução M. Freitas da Costa. Lisboa: Editora 70, 2010.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. A vontade de saber. São Paulo: Graal, 2010. v. 1.
- HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da Metafísica**. Mundo – Finitude – Solidão. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HEIDEGGER, M. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Editora 70, 2010.
- NIETZSCHE, F. W. **O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- NIETZSCHE, F. W. **Sobre a verdade e a mentira**. Tradução e organização Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2009.
- NIETZSCHE, F. W. **A Visão Dionisíaca do mundo**. Tradução Marcos Sinésio P. Fernandes e Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- PLATÃO. **Protágoras**. Tradução Ana da Piedade E. Pinheiro. Adaptado por Olga Pompo. Lisboa: Relógio d'Água, 1999. (Coleção Humanitas. Autores Gregos e Latinos).
- PLATÃO. **A República**. Tradução e Organização J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- RUIZ, B. C. O trabalho e a biopolítica na perspectiva de Hannah Arendt. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano XII, p. 393, 2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4457&secao=393>. Acesso em: 6 jul. 2013.
- SÓFOCLES. **A trilogia Tebana: Édipo Rei; Édipo em Colono; Antígona**. Tradução do grego de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SOUZA, H. F. P. **Biopolítica e Judiciário: a vida insacrável, porém matável, pode ser indenizável**. **Revista de Direitos Fundamentais e Democracia**, v. 14, p. 599-617, jul./dez. 2013.
- TERRA, Ricardo R. Foucault leitor de Kant: da antropologia à ontologia do presente. **Revista Analytica**, v. 2, n. 1, p. 73-87, 1997.

Received on August 16, 2014.

Accepted on October 13, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.